

o menino grapiúna

JORGE AMADO



Posfácio de Moacyr Scliar

4ª reimpressão

Para Zélia
que ouviu Lala contar peripécias do menino grapiúna.

Para Alice e Floriano Teixeira e para Isabela,
neta de Alice, secretária de Floriano, minha amiga.

Para Alice e Luiz Carta,
recordando dias baianos.





1

DE TANTO OUVIR MINHA MÃE CONTAR, a cena se tornou viva e real como se eu houvesse guardado memória do acontecido: a égua tombando morta, meu pai, lavado em sangue, erguendo-me do chão.

Eu tinha dez meses de idade, engatinhava na varanda da casa ao fim do crepúsculo quando as primeiras sombras da noite desciam sobre os cacauais de recente plantação, sobre a mata virgem, inóspita e antiga. Desbravador de terras, meu pai erguera sua casa mais além de Ferradas, povoado do jovem município de Itabuna, plantara cacau, a riqueza do mundo. Na época das grandes lutas.

A luta pela posse das matas, terra de ninguém, se alastrava nas tocaias, nas trincas políticas, nos encontros de jagunços no sul do estado da Bahia; negociavam-

-se animais, armas e a vida humana. Em busca do El-Dorado, onde o dinheiro era cama de gato, chegava a mão de obra, vinda do alto sertão das secas ou de Sergipe da pobreza e da falta de trabalho — os “alugados”, os bons de foice e enxada e os bons de pontaria. Pagos numa tabela alta, os jagunços de tiro certo tinham regalias. As cruces demarcavam os caminhos do alardeado progresso da região, os cadáveres estrumavam os cacauais.

Meu pai cortava cana para a égua, sua montaria predileta. O jagunço, postado atrás de uma goiabeira, a repetição apoiada na forquilha de um galho (assim o enxergo na nítida rememoração), esperou o bom momento para descarregar a arma. O que teria salvo o condenado? Um movimento brusco dele ou da égua, talvez, pois o animal recebeu a bala mortal, enquanto nos ombros e nas costas do coronel João Amado de Faria vieram incrustar-se caroços de chumbo que ele jamais retirou, visíveis sob a pele até o fim da vida. Exibidos com certa relutância e alguma vaidade para ilustrar a repetida narrativa de minha mãe.

Ainda conseguiu o ferido levantar o filho e levá-lo até a cozinha onde dona Eulália preparava o jantar. Entregou-lhe o menino coberto com o sangue paterno. Sucedeu no distante ano de 1913. Eu nascera em agosto de 1912 naquela mesma roça de cacau, de nome Auricídia. Rapazola, meu pai abandonara a cidade sergipana

de Estância, civilizada e decadente, para a aventura do desbravamento do sul da Bahia, para implantar, com tantos outros participantes da saga desmedida, a civilização do cacau, forjar a nação grapiúna — a uns poucos quilômetros de Ferradas, nos limites de Ilhéus e Itabuna, ergue-se hoje uma universidade com milhares de alunos. Mas, naquele então, minha mãe dormia com a repetição sob o travesseiro.